

Depois que passou o choque,
êstes pais investigaram as influências
que haviam transformado o filho num jovem
militante hostil. O que descobriram
é importante para todos os pais

NOSSO FILHO É UM ESTUDANTE RADICAL

ANÔNIMO

SEUS ROSTOS apareceram contraídos pela cólera nos jornais matutinos. Olham ferozmente para você na tela da televisão. Todos nós os reconhecemos—os jovens militantes, os radicais. Mas, a não ser que um dêles seja seu, não há maneira de entender a agonia dos pais de rapazes assim. Meu marido e eu entendemos. Um dêles é nosso.

Para nós a agonia começou num dia que parecia, às primeiras horas, transbordante de promessas. Deixando nossos três filhos menores com uma governanta contratada para a ocasião, tomamos um avião para a Califórnia, para a formatura de nosso filho mais velho. Estávamos cheios

de orgulho e satisfação. Tinha sido uma luta árdua por vêzes, economizando para pagar as pesadas anuidades da excelente universidade que Peter havia cursado. Agora tudo parecia ter valido a pena. Não só Peter se estava formando com as distinções mais altas, mas tinham-lhe oferecido uma bolsa numa das melhores escolas superiores do país.

Durante o vôo de travessia do país, meu marido observava a terra sob nós da mesma maneira que uma pessoa estuda o rosto de alguém que ama.

—Que belo futuro num grande país Peter tem à sua frente—pensava. Peter recebeu-nos no aeroporto,

como esperávamos que fizesse, mas levamos alguns momentos para reconhecê-lo. Seu cabelo era comprido e a barba ainda mais. Mas que importava isso? Êle me parecera maravilhoso com catapora e sarampo cobrindo-lhe o rosto! Apertei-o em meus braços com barba e tudo.

Só quando estávamos juntos no táxi foi que notei as roupas que estava usando. Eram os restos de um uniforme velho do Exército.

—Santo Deus, Peter!—explodi.— Você não tem nenhuma outra roupa? Usar um uniforme dessa maneira parece um insulto a todos os homens que o usaram. Insultuoso até para a sua pátria. Você entende?

—Entendo—respondeu êle sombriamente.

Sob a barba pude ver a expressão dura em volta de sua bôca, a mesma expressão que tinha quando, em menino, ficava zangado.

—Eu *pretendo* que seja um insulto. É precisamente por que o uso!

Foi êsse o primeiro fragor de aviso de uma avalanche. Ninguém mais falou no resto da viagem de táxi até chegarmos ao hotel.

O jantar naquela noite com Peter e alguns de seus amigos foi uma experiência que nos abalou. Estávamos numa terra fantástica, onde os ideais eram comprimidos ou esticados, torcidos e transformados. Em certo ponto Peter tecia louvores a Castro e ao “Presidente Mao”, dizendo-nos que era apenas questão de tempo para que ruísse a nossa forma de governo decadente. Eu não podia

acreditar que aquêle estranho furioso na mesa diante de nós fôsse o nosso filho. Lutei contra as lágrimas, lembrando-me de um meninozinho engraçado de nariz salpicado de sardas que marchara orgulhoso e empertigado em nossa parada do Dia da Independência, o 4 de Julho. Que teria acontecido àquele meninozinho?

Quando Ted e eu pudemos finalmente fugir para nosso hotel, abraçamo-nos, confusos e desorientados.

Verdades Duras, Frias. Assistir à graduação de Peter foi um pesadelo. Quando um orador exprimiu sua esperança que a classe que se formava ajudasse a reafirmar o ideal americano de democracia, houve rumôres de zombaria de alguns estudantes. Sabíamos que Peter devia ser um dêles. Pelo sarcasmo da noite anterior, sentimos que o protesto violento não lhe era estranho.

Enquanto deixávamos a cerimônia de formatura, a melodia de *América, a Bela* fluía dos alto-falantes.

—Pensar—disse Peter com desgosto—que acreditei uma vez que a América era bela!

Com êsse comentário ainda ecoando dolorosamente em nossos pensamentos, Ted, Peter e eu embarcamos no avião para casa.

Meses antes, Peter tinha-se comprometido a ensinar leitura corretiva no gueto de nossa cidade. Sem êsse compromisso, êle provavelmente teria ficado na Califórnia e nunca teríamos sabido por que era tão vulnerável às filosofias extremistas. Nem teríamos descoberto algumas verda-

des duras e frias sôbre nós mesmos e sôbre a América, "a bela".

Em casa logo compreendemos que, a despeito do conhecimento de Peter sôbre a história medieval da Europa, era incrivelmente ingênuo sôbre o que estava acontecendo no mundo à sua volta. Sua interpretação dos acontecimentos mundiais baseava-se nas revistas subversivas da extrema esquerda e no grupo pequeno, porém eloqüente, de estudantes radicais. Sua ignorância do mundo fora da área estudantil com freqüência aparecia em explosões como esta: "Retirem tôdas as tropas imperialistas americanas de todos os pontos do globo e teremos paz."

Êle nos doutrinava diàriamente sôbre a culpa da ordem estabelecida, sôbre o "complexo industrial-militar" e seu domínio sôbre o país. E quem era o responsável por tudo isso? A geração que governava, é claro! Intolerância, racismo, a miséria do gueto, a guerra do Vietname eram culpa exclusiva dos que estavam no comando atualmente.

Era como se êle tivesse acordado uma manhã na universidade e descoberto que o mundo estava doente. Entretanto, parecia não compreender o *porquê* das mazelas do mundo. Não podia ver que eram as raízes do mal, enterradas durante séculos, que haviam produzido o veneno do racismo. Sem nunca ter passado fome na vida, não podia entender que pobreza e fome não eram novas no mundo. Seus anos de instrução simplesmente não o tinham preparado

para se confrontar com as realidades do presente.

Fora da Época. Como bom aluno no ginásio, Peter estivera muito ocupado com os estudos para saber o que acontecia pelo mundo. Fizera um curso de história e govêrno americanos, mas o curso tinha sido conduzido de um modo enfadonho e cansativo. Compreendemos que não nos havia preocupado então que êsse curso inadequado sôbre a história dos Estados Unidos e seu govêrno representava a soma total do que Peter saberia sôbre sua pátria.

Como milhões de outros pais bem-intencionados, tínhamos encaminhado Peter para aquela luz distante nos céus: uma universidade famosa. Como quartanista de ginásio, êle tinha querido trabalhar num mercado. Nós vetamos a idéia, achando que poderia roubar o tempo destinado ao dever de casa, do mesmo modo que o dissuadíamos de aceitar um emprêgo no ano anterior, carregando tacos de gôlfe, apanhando bolas, etc. Agora sentíamos-nos culpados de nunca têmos permitido que êle visse por si mesmo a complexidade e as frustrações da vida real, num mundo real.

Como em tôda percepção tardia, a nossa veio tarde demais para evitar o dano. Mas Ted e eu resolvemos fazer com que fôssem válidos todos os momentos de Peter em casa naquele verão. Nossa mesa de jantar tornou-se um campo de batalha de sagacidade e discussões violentas, sôbre o Vietname, Poder Negro, liber-

dade individual, ambição política. A tensão entre nós era, por vêzes, quase intolerável. Era como se Peter estivesse lutando por nossas almas e nós pela dêle.

Em julho, para alívio geral, o trabalho de Peter começou. Quase imediatamente descobrimos que êle estava aprendendo muito mais no trabalho do que em qualquer coisa que lhe pudéssemos dizer. Pela primeira vez na vida êle viu que os males crônicos da sociedade não poderiam ser curados pelo aceno mágico de um cartaz de protesto. Não era o caso de demolir o que incomodava, e pronto: Utopia! Nada o havia preparado para o suor humano necessário—e para o tempo que levava—para conseguir resultados.

Eu disse isso uma noite.

—Tempo, claro. Isso é tudo o que a sua geração sabe dizer.

Seus olhos estavam cheios de ressentimento. De repente, êle disse:

—Mãe, venha comigo amanhã. Vou mostrar-lhe do que estou falando. Já não há mais tempo.

Amor e Raiva. Eu havia lido milhões de palavras sôbre a pobreza. Todavia, não estava preparada. Há qualquer coisa no cheiro de pobreza, na sensação que se tem num quarto sem janelas com calor sufocante que não pode ser traduzida de modo algum.

Peter fôra encarregado de casos-problemas especiais, e seu trabalho o levava de casa em casa durante o dia. Nossa primeira parada foi no porão de uma casa de cômodos sôr-

dida. Aqui, Peter estava ensinando uma garotinha do quarto ano primário que ainda não sabia ler porque sofria de estrabismo acentuado, como acontecera com Peter até a idade de três anos. Depois, uma operação havia corrigido o problema. Sua visão era perfeita agora porque nós tivéramos dinheiro para pagar o que devia ser feito. Lembro-me que o cirurgião nos havia dito: esta operação tem de ser feita antes que a criança complete sete anos. Depois disso é geralmente muito tarde para evitar a cegueira num dos olhos. Que idade tinha esta criança? Nove? Dez?

Observei seu rosto tenso enquanto ela lutava para ler a página que Peter lhe entregara. Ela lhe deu um sorriso tímido.

—É difícil ler assim, sabe?—disse a menina.

Olhei para o rosto de Peter enquanto êle sorria para ela. Vi a raiva e o amor.

Do outro lado do quarto, um velho, o avô da menina, estava sentado, calado, num caixote de laranjas colocado em pé. Seus pés estavam enrolados em trapos. Fechei os olhos contra o calor e seu embaraço.

Podia ver a rua diante de nossa casa há anos atrás. Vi a criança aleijada do sexto ano primário da classe de Peter, ouvi as caçoadas e risadas de seus colegas. Vi o aleijadinho enquanto ia para a escola, seu caminhar desesperadamente lento. Ao lado dêle, carregandó seus livros, ia Peter, seu "amigo especial".

Havia outros fragmentos de lem-

branças. O quintal de nossa casa em San Diego, onde Peter e seus amigos jogavam bola. E aquela manhã de sábado em que nosso vizinho se debruçou na cêrca e disse:

—Não tem nenhum amigo *direito*, Peter? A maior parte de seus companheiros de brinquedo parecem ser mexicanos.

Lembro-me da resposta raivosa de Peter:

—São meus amigos. Que me importa o que são mais?

Abri os olhos novamente. Sim, raiva e amor. Aqui estava o ponto verdadeiramente vulnerável de Peter.

Senti, súbitamente, uma sensação estranha de alívio, como se tivesse tropeçado na chave de algum corredor vital. Por que Ted e eu ficáramos surpreendidos com os pontos de vista de Peter? Tudo em que êle acreditava o encaminhara para êste verão, para êste quarto. Afaste-se a feia camada exterior, o radicalismo, o grito de vingança, a adoração por Castro e tudo o mais. O que restava, fundamentalmente, era o desejo de um mundo decente. Não apenas para si mesmo, mas para todos os sêres humanos. Para um amiguinho mexicano. Para uma criança aleijada, humilhada por sua limitação. Para esta meninazinha estrábica, que ainda não tinha aprendido a ler.

Mais tarde, naquele dia, quando entramos em nosso jardim, Peter me encarou:

—Mamãe, entende agora o que quero dizer?

—Sim, Peter—disse eu.—Não há mais tempo.

Muito Tarde Para Ser Apático. Peter está de volta à escola, agora no curso superior. Se aprendeu alguma coisa de nossas lutas no último verão, não podemos saber. Mas sabemos o que aprendemos com Peter. Aprendemos como é vital para a educação de uma criança se expandir além da sala de aula. Nossos filhos mais moços vão participar de responsabilidades pessoais, familiares e cívicas. Queremos que êles saibam que a maioria dos problemas que parecem fáceis a distância são muito menos simples quando você tem de se envolver nêles.

Talvez o mais importante—Ted e eu vamos fazer algo a nosso respeito. Não somos pessoas que poderiam ser descritas como querendo fugir das responsabilidades sociais. Ou somos? Não fazer mal não é a mesma coisa que trabalhar produtivamente para fazer o bem. Para nós—todos nós—é muito tarde para ser apático. O tempo urge. Temos de nos levantar das cômodas cadeiras-espreguiçadeiras e ir aonde houver ação. Exigimos escolas melhores para nossos filhos. Agora vamos ter de lutar por casas melhores, não para nossas famílias, mas para famílias que chamam casa a um único quarto. As necessidades gritantes dos outros devem tornar-se nossas necessidades.

Para todos os que se interessam, é tempo *agora* de mostrar aos Peters da América que a maior experiência da espécie humana pode funcionar.